



Nojo, humilhação e desprezo no fazer social

Proponentes: María Elvira Díaz-Benítez (PPGAS/MN), Kaciano Gadelha (UFRG) e Everton Rangel (PPGAS/MN).

Data de Entrega do artigo: 5 de dezembro de 2020.

A antropologia das emoções constitui um campo consolidado de pesquisa e reflexão nas ciências sociais brasileira. Dentre abordagens interdisciplinares variadas, o estudo antropológico das emoções se destaca por buscar extrapolar o aspecto meramente psicológico das dinâmicas emocionais em uma abordagem de cunho empírico-conceitual atenta à relacionalidade e à dimensão fenomênica implicada à materialização de uma emoção. Neste sentido, a abordagem fenomenológica proposta por autores como Aurel Kolnai oferece um aparato teórico-metodológico rigoroso que nos permite aproximar das emoções em termos etnográficos e compreendê-las nas suas diferentes variações, dinâmicas e interpretações. Voltando atenção às emoções, podemos esmiuçar a análise das gramáticas do tecido social que fazem e desfazem diferenças e desigualdades, bem como as causalidades afetivas nas dinâmicas de interação social.

Quais texturas do social são compostas pelas práticas que envolvem o **desprezo**, o **nojo** e a **humilhação**? Ainda que, em um primeiro momento, consideremos essas três emoções enquanto práticas de rebaixamento, a complexidade que as atravessa não nos permite situá-las apenas no plano do negativo. Investigações recentes têm evidenciado que tais práticas podem ir de um polo ao outro dos binômios prazer-desprazer e reconhecimento-anulação. Haveria espécie de “valor de sociabilidade” ou “gozo” na produção do rebaixamento via desprezo, nojo e humilhação? Em que economia das relações sociais se inserem tais emoções / práticas? O que contam as formas silenciosas e gritantes assumidas pelo desprezo? Como a humilhação se vincula e/ou diferencia de conceitos como violência e tortura? E quanto ao nojo, o seu lugar social é específico? Seria o nojo o performativo corporal da abjeção?

Ao tomar essas categorias como práticas de rebaixamento, que por vezes envolvem prazeres, nossa proposta é pensá-las como dispositivos que permitem leituras sobre



desigualdade – extrema, em certos contextos – de raça, classe, gênero e sexualidade. Isto é, considerando que existem lugares sociais em que gênero, sexualidade, classe e raça são construídos e reconhecidos a partir de atos vexatórios, desprezo, nojo e humilhação se tornam categorias úteis para a análise dos marcadores sociais da diferença e da desigualdade. Corpos encarcerados, em situação de rua, abandono ou refúgio e deteriorados pelo uso de drogas, dentre outros, interessam a nossa reflexão. Como já sugerido, o fio condutor deste dossiê será pensar as três categorias analíticas propostas como emoções articuláveis e, simultaneamente, práticas sociais. Perguntamo-nos como os marcadores sociais da diferença são construídos por meio das práticas da humilhação e, paralelamente, através das emoções suscitadas pelo ato de humilhar/desprezar e de sentir-se humilhado, desprezado ou mesmo com nojo de pessoas, coletividades e corpos.

.....

Asco, humillación y desprecio en el quehacer social

La antropología de las emociones constituye un campo consolidado de investigación y reflexión en las ciencias sociales brasileiras. En medio a abordajes interdisciplinarias variadas, el estudio antropológico de las emociones se destaca por buscar extrapolar el aspecto meramente psicológico de las dinámicas emocionales en un enfoque de cuño empírico-conceptual atento a la relacionalidad y a la dimensión fenoménica relativa a las emociones. En ese sentido, la fenomenología propuesta por autores como Aurel Kolnai ofrece un aparato teórico-metodológico riguroso que nos permite una aproximación a las emociones en términos etnográficos, comprendiéndolas en sus diferentes variaciones, dinámicas e interpretaciones. Teniendo las emociones como foco, podemos adentrar en análisis de las gramáticas del tejido social que hacen y deshacen diferencias y desigualdades, bien como las causalidades afectivas en las dinámicas de la interacción social.

¿Cuáles texturas de lo social son compuestas por las prácticas que envuelven desprecio, asco y humillación? Pese a que en un primer momento consideremos esas tres



emociones como prácticas de rebajamiento, la complejidad que las atraviesa no nos permite situarlas apenas en el plano negativo. Investigaciones recientes han evidenciado que tales prácticas pueden ir de un polo al otro de los binomios placer/desplacer y reconocimiento/anulación. ¿Habría una especie de “gozo” en la producción del rebajamiento vía desprecio, asco y humillación? ¿En qué economía de las relaciones sociales se insieren tales emociones/prácticas? ¿Cómo la humillación se vincula y/o diferencia de conceptos como violencia? E sobre el asco, ¿su lugar social es específico? ¿Sería el asco el performativo corporal de la abjección?

Al tomar esas categorías como prácticas de inferiorización que a veces envuelven placeres, nuestra propuesta es pensarlas como dispositivos que permiten hacer lecturas sobre desigualdad – extrema en ciertos contextos – de raza, clase, género y sexualidad. O sea, considerando que existen lugares sociales en que género, sexualidad, clase y raza son construidos y reconocidos a partir de actos degradantes, desprecio, asco y humillación se tornan categorías útiles para el análisis de los marcadores sociales de la diferencia y de la desigualdad. Cuerpos encarcelados, en situación de abandono, vida en la calle, refugio y deterioro debido a uso de drogas, entre otras temáticas, interesan a esta reflexión.

Como ya sugerimos, el hilo conductor de este dossier será pensar las tres categorías analíticas propuestas como emociones articulables entre sí y, simultáneamente, como prácticas sociales. Nos preguntamos cómo clase, sexualidad, género y raza son construidos por medio de prácticas de humillación y paralelamente a través de las emociones suscitadas por el acto de humillar/despreciar y de sentirse humillado, despreciado o con asco de personas, colectividades y cuerpos.

.....

Disgust, humiliation, and contempt in social making

The anthropology of emotions is a consolidated field of research and reflection in the Brazilian social sciences. Among various interdisciplinary approaches, the anthropological



study of emotions stands out for seeking to extrapolate the merely psychological aspect of emotional dynamics in an empirical-conceptual approach attentive to the relationality and the phenomenal dimension involved in the materialization of an emotion. In this sense, the phenomenological approach proposed by authors such as Aurel Kolnai offers a rigorous theoretical-methodological tool that allows us to approach emotions ethnographically and understand them in their different variations, dynamics and interpretations. By turning our attention to emotions, we can scrutinize the grammars of the social fabric that create and undo differences and inequalities, as well as the affective causalities in the dynamics of social interaction.

What social configurations are displayed in practices of **contempt**, **disgust** and **humiliation**? Even if, at first, we consider these three emotions as practices of debasement, the complexity that goes through them does not allow us to situate them only on the level of the negative. Recent investigations have shown that such practices can go from one pole to the other of the binomials pleasure-displeasure and recognition-annihilation. Would there be a kind of "jouissance" in the production of demeaning by treating someone with contempt, disgust and humiliation? In what kind of economy of social relations are these emotions / practices inserted? What do the silent and glaring forms assumed by contempt tell us? How is humiliation linked to and / or differentiated from concepts such as violence and torture? What about disgust, is its social place specific? Is disgust the bodily performative of abjection?

By taking these categories as downgrading practices, which sometimes involve pleasures, our proposal is to reflect on them as devices that allow readings about inequalities - extreme, in certain contexts - of race, class, gender and sexuality. That means, there are social places in which gender, sexuality, class and race are constructed and recognized from vexatory acts; contempt, disgust and humiliation become useful categories for the analysis of social markers of difference and inequality. Imprisoned bodies, in street situations, abandonment, refuge or deteriorated by drug use, among others, interest our reflection. As already suggested, the main thread of this dossier will be to think of the three analytical categories proposed as articulable emotions and, simultaneously, social practices. We ask ourselves how the social markers of difference are constructed through the practices of



humiliation and, at the same time, through the emotions aroused by the act of humiliating/despising and feeling humiliated, despised or even disgusted with people, collectivities and bodies.